



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA:

Arte, Cultura e Comunicação

O POTENCIAL DIALÓGICO E INTERATIVO DE UM PROGRAMA DE RÁDIO COMUNITÁRIA

ALVES, Eveline

Doutoranda em Sociologia do Conhecimento, da Cultura e da Educação

Universidade Nova de Lisboa

alves_eveline@yahoo.com.br

Resumo

Esse texto traz uma síntese acerca dos fundamentos do dialogismo e do pensamento complexo. Pretendemos discutir algumas das dimensões mais relevantes da ligação entre esses conceitos, no que concerne às relações discursivas que marcam a comunicação comunitária no Brasil. Centramo-nos sobre o funcionamento pragmático da interatividade, mecanismo que pressupomos ser sistematicamente usado por esses meios.

Epistemologicamente, buscamos analisar em que medida as rádios comunitárias são dialógicas, voltadas para o desenvolvimento do pensamento complexo. Essas agências têm o propósito de difundir o exercício da livre expressão. Contudo, nossa pressuposição inicial parte do princípio que as rádios não estariam cumprindo essas metas efetivamente.

Apesar de serem teoricamente interativas, nem todas as emissoras constituem ativos instrumentos dialógicos. Algumas, ainda tentam cumprir esse papel; outras, acabam por reproduzir de forma sistemática os meios comerciais nas quais se espelham. Com total liberdade para construir suas programações, algo acontece durante o processo que tornam os meios total ou parcialmente ineficazes, na busca pelas metas sugeridas em seus princípios.

Pretendendo encontrar o ponto de desequilíbrio, analisamos o programa *Rock da Larica*, da rádio Alto Falante. A agência foi escolhida por ter sido um dos meios comunitários mais ativos do Recife, tendo sido apontado como modelo por várias instâncias públicas e privadas que trabalham em prol da democratização da comunicação.

Abstract

This text presents an overview about the fundamentals of dialogism and complex thinking. We intend to discuss some of the most relevant dimensions of the link between these concepts, with respect to the discourse relations that make a community communication in Brazil. We intend to discuss about some of the most relevant dimensions of the link between these concepts, with respect to the discourse relations that characterize the communication in Brazil community. We focus on the pragmatic functioning of interactivity, which is a mechanism that we assume to be systematically used by these radios.

Epistemologically, we analyze to what extent these community radio stations are dialogic, focused on the development of complex thinking. These agencies are meant to spread the exercise of free expression. However, our initial assumption was that these radios were not effectively accomplishing these goals.

Although theoretically interactive, not all of these stations can be regarded to be active instruments for dialogism. Some of them, however, try to fulfill this role; others end up to systematically reproduce the commercial media in which they reflect themselves. With total freedom to build their schedules, something happens during the process that make the means ineffective, or partially ineffective, in the search for the targets suggested in their principles.

Wanting to find this unbalancing point, we analyze the program *Rock da Larica*, from the Alto Falante radio. This agency was chosen because it was one of the most active community media in Recife, having been designated as model for several public and private initiatives which work for the

Palavras-chave: Dialogismo, Rádio comunitária, Interatividade, Pensamento Complexo, Alteridade.

Keywords: Dialogism, Community Radio, Interactivity, Complex Thinking, Otherness

[PAP0223]

1. Introdução

O discurso sobre as rádios comunitárias no Brasil é intenso. Muito se fala sobre comunicação e formas estratégicas de usar esses meios para dar voz às massas populares (Silva, 1993; Tauk Santos, 2002;). Os debates abordam questões sobre o conceito de rádio comunitária, legalização, truculência do fechamento das emissoras pelo poder público, descompromisso do governo com o setor, municipalização do poder sobre as rádios, e as reivindicações desses meios - transmissão, outorga e comercialização de espaços publicitários(Peruzzo, 2005).

Não ficam de fora o discurso sobre a Lei 9.612/98¹ e suas limitações. As abordagens sempre têm a ver com estruturação, direitos, demandas, imposições do governo e reivindicações das rádios, mas nunca com a qualidade do conteúdo oferecido ou a forma de atuação dos meios. Pouco se fala, por exemplo, sobre as rádios enquanto meios dialógicos voltados para a educação popular. É como se já viesse implícito, como se toda rádio preenchesse esse requisito como condição *sine qua non* para ser comunitária.

Enquanto princípio da comunicação comunitária, o dialogismo exalta a troca entre os comunicantes, numa perspectiva horizontal da comunicação, onde desaparecem as figuras do emissor e do receptor, dando lugar a duas fontes recíprocas de informação numa relação muito mais estreita do que podemos imaginar.

Pretendemos trabalhar com os princípios dialógicos pontuados na obra do sociólogo brasileiro Paulo Freire e do linguista russo Mikhail Bakhtin, e evidenciando como ponto fulcral a realidade empírica do objeto de estudo. Para enfatizar esse último ponto, lançamos mão das obras de Cicilia Peruzzo e Tauk Santos.

Numa interação entre ouvintes e locutores de uma rádio comunitária, em alteridade, supõe-se que haja sempre uma tentativa de configurar uma relação socialmente dialógica. Entretanto, para que haja esse dialogismo dinâmico, é necessário que a rádio consiga extrair uma resposta dos ouvintes aos seus apelos comunicacionais, e essa resposta depende, sobretudo, do discurso adotado pela própria emissora. Teria esse discurso uma abertura dialógica? Seria ele um convite à participação do ouvinte? Até que ponto incentiva-se e dá-se espaço a essa participação?

Abordaremos o problema através da análise de um estudo de caso: o programa “*Rock da Larica*”, da Rádio Comunitária Alto Falante, situada no Alto José do Pinho, periferia do Recife, capital pernambucana. Pretendemos analisar a amplitude do potencial dialógico desses meios enquanto ferramentas de desenvolvimento do pensamento complexo, indo no sentido contrário à ação praticada pelos meios de massa, que pretendem uma comunicação linear, apenas para atingir seus propósitos políticos e econômicos. Sem tempo suficiente para escutar seus ouvintes, os meios comerciais formam uma cadeia simplificada de comunicação, na qual é sempre, ou quase sempre, o emissor, restando ao público, uma posição, muitas vezes, de inércia, reforçada pelo comodismo do pensamento linear, binário.

[...] “a comunicação de massa e seus veículos — em especial a televisão — vêm contribuindo para produzir uma civilização esquizóide, dado que a massificação das mensagens e a padronização das respostas impede a diversidade mental criadora. O que, por sua vez, tende a manter o condicionamento de nossa cultura pelo pensamento binário” (Mariotti, 1999).

Essa relação limita-se a uma comunicação rasa, de perguntas pré-formuladas e respostas objetivas(sim ou não), o *feedback*. Trabalhamos com o pressuposto de que o público, enquanto grupo social reflexivo, apesar de passível a certas influências, sabe sobrepor suas opiniões a ponto de poder decidir qual linha de pensamento² seguir a partir das mensagens que recebe, podendo valer-se de qualquer uma, inclusive da linha de pensamento complexo. Mas esse reposicionamento precisa ser estimulado, ensinado, e nesse sentido, o dialogismo se apresenta como instrumento capaz de potenciar esse exercício.

Nosso objetivo é refletir qual o direcionamento da Rádio Alto Falante através do programa “*Rock da Larica*”. Esse estudo de caso faz parte de uma pesquisa ampliada, emoldurada na análise de toda a programação dessa mesma rádio, com o objetivo de perceber se os meios comunitários tendem a trazer uma

proposta direcionada e bem definida voltada para a interatividade, o dialogismo e o desenvolvimento do pensamento complexo.

A dinâmica da maioria das rádios comunitárias no Brasil parece não satisfazer os princípios da comunicação dialógica. Muitos desses meios funcionam como modelos de rádios comerciais, meios de politicagem, proselitismo, em função de alguma entidade para difundir ideias e concepções particulares, ou ainda enquanto propriedade privada, com objetivo de obter lucros financeiros. Apenas uma pequena parte dessas rádios mostra-se disponível para um trabalho integrado com a comunidade, dedicando-se aos seus fins e propósitos.

Mesmo entre essas últimas, principalmente as que têm forte tendência política, ainda que voltada para o benefício da comunidade, tenta, sob a égide do apoio à questão popular, impor valores como razão absoluta. Portanto, pode-se dizer que um meio completa e efetivamente dialógico ainda é, mesmo entre as rádios que se propõem realizar a comunicação comunitária, difícil de encontrar.

Nesse sentido, é possível que as programações da maioria desses meios, como estão agora formuladas, continuem a repassar valores unificados, e de modo unidirecional, sem dar margens para contra-argumentações e opiniões contrárias, o que caracterizaria uma comunicação plural e dialógica.

Nosso interesse pelo dialogismo prende-se por uma linha de pesquisa que vimos construindo e desenvolvendo em torno das rádios comunitárias. É um tema que se amarra do ponto de vista da sua característica multifacetada, mostrando sempre a possibilidade de olhá-lo de diversas maneiras e por diversas perspectivas. E para esse trabalho em particular, procuramos olhar pelo prisma da interatividade, que pressupõe o dialogismo. Pretendemos observar se e até onde esses meios podem servir enquanto instrumentos de base para uma política dialógica voltada para o desenvolvimento do pensamento complexo.

2. Problemática

As rádios comunitárias foram criadas com o desígnio de efetivar uma comunicação democrática. Tendo observado que, entre essas rádios, poucas são as que funcionam dentro dos parâmetros propostos pela legislação específica vigente, perguntamo-nos por que esses meios não conseguem seguir os princípios que os regem.

Partindo do pressuposto que, apesar de serem planeadas enquanto ferramentas dialógicas, as rádios comunitárias não vêm funcionando a contento, tentaremos responder algumas questões secundárias: essas agências estão realmente desempenhando seu papel social? O que estão, de fato, realizando essas rádios em suas programações? Quais os objetivos reais dos programas e de seus locutores?

Este ensaio consiste em analisar se e de que forma os meios de comunicação comunitária podem constituir-se como ferramentas pró-ativas orientadas para o desenvolvimento da comunicação dialógica e participativa. Considerando que as rádios não se adequam efetivamente aos trâmites do pensamento complexo, mantendo uma relação morna com seus ouvintes, não conseguem atingir, nesse sentido, a promoção do dialogismo na sua vertente mais aprofundada e defendida por Paulo Freire, satisfazendo-se, em alguns dos casos, com uma interatividade superficial, limitando-se a pedidos e oferecimentos musicais.

“Um dos pressupostos básicos da rádio comunitária é o envolvimento da comunidade. Espera-se que este seja maior do que a de um ouvinte que pede músicas ou bate-papo com os locutores. Ou seja, deve instituir mecanismos de participação ativa possibilitando a inserção do cidadão como protagonista do processo de comunicação. Neste sentido, uma rádio comunitária não precisa reproduzir as emissoras comerciais para ter sucesso. Ela tem se revelado como uma outra rádio, uma rádio sem fins lucrativos e movida pelo objetivo de colocar o canal de comunicação nas mãos do “povo” para que as pessoas possam ecoar suas diferentes vozes” (Peruzzo, 2005).

Particularmente, não chamaríamos de dialogismo essa relação “rasa” que ouvimos nas emissoras comunitárias de maneira geral. Daríamos antes a denominação de feedback, seja, resposta linear a um estímulo proposto.

“A consequência de privilegiar o diálogo como forma de comunicação é que no modelo participativo desaparece a noção de feedback tão caro aos modelos tradicionais da comunicação. O feedback, resulta de uma concepção de comunicação que privilegia a fonte no sentido de que proposto pela teoria cibernética, e adotado pelas demais ciências que se ocupam do estudo da comunicação cabe a ela escolher os conteúdos, iniciar o processo, selecionar os meios e transmitir a mensagem cabendo, ao ‘receptor’ apenas receber e reagir (feedback) realimentando assim o processo. No diálogo desaparece a noção de fonte e receptor. Eles são substituídos pelos ‘interlocutores’, para representar que ambos os elementos do processo da comunicação são ao mesmo tempo emissor e receptor e se ‘afetam’ mutuamente” (Tauk Santos, 2002).

Nesses termos, quais são os obstáculos que impedem esses meios de efetivar uma comunicação dialógica? A partir da resposta a essa questão, pretendemos tecer a problemática dessa pesquisa, seja, a funcionalidade dos meios comunitários enquanto instrumento dialógico voltado para o desenvolvimento do pensamento complexo. No nosso estudo de caso, a Rádio Alto Falante consegue dialogar com a comunidade do Alto José do Pinho contribuindo para o desenvolvimento do pensamento complexo?

A Rádio Alto Falante, citada por diversas instâncias no âmbito governamental e civil como modelo, e tendo grande significância no contexto das rádios comunitárias de Pernambuco, dá-nos, com efeito, a partir do trabalho que tenta desenvolver, elementos efetivos para tentar perceber a capacidade de funcionamento desses meios enquanto instrumentos dialógicos.

A argumentação confirma-se no histórico da própria rádio, na concretização das suas ações perante a comunidade e no discurso de atores sociais a ela ligados direta ou indiretamente. Tendo em consideração essa panorâmica, definimos a Rádio Alto Falante como estudo de caso de um projeto maior, do qual destacamos o programa *Rock da Larica* para esse ensaio, numa tentativa de observar a lógica do funcionamento desses meios.

Metodologia

Para essa análise, gravamos uma emissão do programa *Rock da Larica*, da Rádio Alto Falante em 26 de Abril de 2011. Mantivemos o foco no discurso do locutor, na tentativa de encontrar pontos onde a dialogia cruzasse com o conceito do pensamento complexo. Para isso, lançamos mão das teorias bakhtinianas e dos ensinamentos de Paulo Freire sobre dialogismo e alteridade, além das bases do pensamento complexo por Edgar Morin e Humberto Mariotti.

Em primeiro lugar, analisamos a divisão do tempo da emissão: tempo para locução (efetivamente dialógico, uma vez que era de fato possível estabelecer algum contato com o ouvinte) e tempo para músicas (maior parte do programa, sem possibilidades de contato direto com o público). Em seguida, as locuções foram separadas em enunciados.

O termo enunciado é ainda muito complexo e assume diferentes dimensões teóricas, uma vez que parte de perspectivas epistemológicas distintas de acordo com a teoria que o aborda, seja linguística enunciativa ou discursiva. Um enunciado pode ser representado por uma palavra, uma frase ou até mesmo um livro. Para Bakhtin,

“Todo enunciado - desde a breve réplica (monolexêmica) até o romance ou o tratado científico - comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada compreensão). O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como

um mudo “dixi” percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou” (Bakhtin, 1997).

A entonação tem papel fundamental para sabermos quando alguém terminou de falar. Além das palavras e entonação, temos o contexto, que também entra nessa moldura, dando significação à mensagem e, conseqüentemente, fazendo parte do enunciado.

“Assim, a situação extraverbal está longe de ser meramente a causa externa de um enunciado – ela não age sobre o enunciado de fora, como se fosse uma força mecânica. Melhor dizendo, a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação. Consequentemente, um enunciado concreto como um todo significativo compreende duas partes: (1) a parte percebida ou realizada em palavras e (2) a parte presumida. [...] A característica distintiva dos enunciados concretos consiste precisamente no fato de que eles estabelecem uma miríade de conexões com o contexto extraverbal da vida, e, uma vez separados deste contexto, perdem quase toda a sua significação – uma pessoa ignorante do contexto pragmático imediato não compreenderá estes enunciados” (Voloshinov/Bakhtin, 1981).

Assumimos aqui a ideia bakhtiniana de enunciado: unidade de comunicação e significação, necessariamente contextualizado. Sendo, portanto, enunciado todo pensamento completo com significação realizado dentro de um contexto. Fizemos uso da entonação do locutor para enquadrar as mensagens dentro de enunciados completos. Nesse sentido, cada bloco de fala, quando o locutor finaliza seu discurso e anuncia músicas no programa, utilizando para isso uma entonação de finalização de enunciação, foi definido como enunciado completo.

Distinguimos, no texto, elementos diretos e indiretos de significação, seja, os que deixam clara a mensagem que se quer transmitir, e os que induzem, nas entrelinhas, as ideias, atitudes e crenças do locutor. Para isso foram separados dois grupos:

a) Análise semântica e discursiva (texto e contexto), que objetiva identificar o conteúdo temático, o estilo e os elementos composicionais da linguagem do locutor, numa tentativa de perceber as mensagens relacionadas à abertura ao dialogismo. Fizemos ainda uma leitura contextual do ambiente discursivo, uma vez que todo enunciado é dependente, na sua formação, dos elementos que criam a situação no qual será proferido.

b) Análise da alteridade e da interatividade, com o propósito de observar a abertura interativa e o espaço do “eu” e do “outro”. Essa análise leva em conta dois pontos principais: o discurso do comunicador e a divisão de tempo do programa.

O propósito é tentar responder algumas questões que vão direcionar para a resposta da nossa problemática: A rádio trabalha dentro de um parâmetro dialógico ou apenas informativo? O discurso do locutor abre, efetivamente, para o diálogo? Os ouvintes participam da emissão? A comunidade é integrada na programação? Os temas são abordados sob diversas perspectivas?

3. Dialogismo e Pensamento complexo

Considerando os objetivos das rádios comunitárias, segundo a Lei 9.612, e os princípios que fundamentam esses meios, é conspícua a asseveração de que, para atingir tais metas, é imprescindível que esses meios lancem mão do dialogismo e do pensamento complexo. O conceito de dialogismo invoca a participação mútua dos interlocutores na troca de conhecimentos. Nesse âmbito, a comunicação dialógica, pressuposta pelos meios comunitários, deveria ocupar um lugar chave no contexto da programação ao permitir justamente a interação de ideias entre os atores sociais.

“[...] o processo de fazer comunicação é também altamente educativo para aqueles que dele participam. Portanto, as rádios comunitárias contribuem para o desenvolvimento local e da

cidadania [...]pela oportunidade de participação que oferecem aos cidadãos em todas as fases do processo comunicacional” (Peruzzo, 2005).

Para autores como Bakhtin (2000), essa interação ultrapassa a relação entre os sujeitos discursivos, indo ao contexto da produção do discurso. O autor explica que para o enunciador formar o seu discurso e formatá-lo em enunciado, já vai ter dialogado com discursos precedentes. Com isso, Bakhtin pretende mostrar que a relação dialógica não espera a interação entre atores sociais, mas principia-se no contexto de produção do discurso, antes mesmo desse ser enunciado, e continua na audição pelo interlocutor.

No momento da interação dá-se o ato da enunciação, que é o que vai, efetivamente, nos interessar. Mas mesmo durante a enunciação, a relação dialógica precipita-se e acontece sem esperar a interação entre os atores sociais, efetivando-se ainda na audição. *“O fato de ser ouvido, por si só, estabelece uma relação dialógica. A palavra quer ser ouvida, compreendida, respondida e quer, por sua vez, responder à resposta, e assim **ad infinitum**”* (Bakhtin, 1997). É uma interação passiva por parte do ouvinte.

Bakhtin vê, no próprio ato de enunciar, um produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados e, por conseguinte, portadores de dialogismo (Bakhtin / Volochinov, 1981). Vejamos, se a enunciação é um elemento do processo social da comunicação, pensada e dirigida ao outro, ela provém de alguém e se designa a alguém, propondo ao seu destinatário uma reação. Segundo Bakhtin (*op. cit.*), essa enunciação, desde que completa, é formada de significação e sentido. Esses elementos formam um todo, apenas compreendido no processo de interação, considerando a partilha de signos, contexto e sentido. Rechdan traduz o pensamento bakhtiniano da seguinte forma:

“O sentido da enunciação não está no indivíduo, nem na palavra e nem nos interlocutores; é o efeito da interação entre o locutor e o receptor, produzido por meio de signos linguísticos. A interação constitui, assim, o veículo principal na produção do sentido” (Rechdan, 2003).

Durante o processo de compreensão, a cada palavra descodificada, o destinatário faz corresponder uma série de outras palavras, formando uma réplica. A compreensão seria, nesse sentido, por si só, uma forma de diálogo. *“Compreender é opor à palavra do locutor uma ‘contrapalavra’”* (Bakhtin / Volochinov, 1981).

Seguindo essa linha de pensamento, o dialogismo se dá justamente a partir dessa noção de recepção/compreensão de uma enunciação, que vai constituir um território comum entre locutor e alocutário. E a ação dos interlocutores ao colocarem a linguagem em relação frente a frente acaba por produzir um movimento dialógico. Esse movimento acontece em dois momentos: na construção da enunciação e na sua transmissão. Para efeitos desse artigo, ao primeiro, chamaremos Dialogismo Construtivo de Enunciação (DCE); ao segundo, Dialogismo Transmissor de Enunciação (DTE).

Tomaremos como referência a definição do processo dialógico a partir da transmissão da enunciação (DTE), seja, a interação entre dois ou mais interlocutores no qual tem lugar, mútua e reciprocamente, a troca não apenas do discurso enunciado (signos e códigos significantes), mas sobretudo do papel ativo de emissor e receptor em alternância e alteridade constantes.

Para Bakhtin, tanto o diálogo quanto as relações interativas devem ser considerados numa ação social compartilhada que se realiza em tempo e local específicos, mas que nunca perde seu caráter de mutabilidade, devido às inúmeras variações do contexto histórico no qual ele se concretiza.

Ipsa facto, coadunamos a essa reflexão o dialogismo baseado nos princípios da interatividade trabalhados pelo sociólogo Paulo Freire, no seu *“método de educação para adultos”*, que aborda o processo do despertar para o mundo dentro do real, sendo a realidade, o momento em que se vive, e as condições efetivas em que se encontra o ser social. O método freiriano funciona a partir da interação entre os educandos e os contextos históricos nos quais estão inseridos.

Esse despertar se estrutura através da predisposição para a leitura do real não de forma linear, mas sugerido pela formulação do pensamento complexo (Morin, 2000, 2005; Mariotti, 1995, 2000), tentando, dessa maneira, conscientizar o indivíduo não apenas da sua posição social no meio em que vive, mas também de outras formas de ver e viver essa mesma posição social.

A ideia geral do método freiriano é a educação mútua, partindo da interatividade, numa descoberta conjunta do conhecimento do real vivido concretamente pelos sujeitos e enredado na complexidade das relações humanas. Ou, como diz Morin, *“Não se trata de retomar a ambição do pensamento simples que é a de controlar e dominar o real. Trata-se de exercer um pensamento capaz de lidar com o real, de com ele dialogar e negociar”* (Morin, 2005).

Mas essa interatividade com o real só é alcançada se existir, de fato, uma comunicação na qual ambos os lados sejam tanto emissor quanto receptor. Essa definição de dialogismo prende-se ao pensamento complexo pelo viés da pressuposição. Admitimos que o desenvolvimento da relação dialógica pode induzir o indivíduo a elevar seu grau de reflexão, uma vez que estará em contato com novos paradigmas, fazendo assim com que haja o confronto entre ideias, discursos e enunciações distintas e criando uma relação que vai afluir em formas complexas de interpretação e novas conclusões a partir daqueles elementos.

“A complexidade do mundo e a da vida se apresentam de inúmeras formas. Entre as mais frequentes estão os paradoxos, situações de impasse, circunstâncias nas quais os contrários não podem ser conciliados, mas mesmo assim precisam permanecer juntos.[...] Saber lidar com os paradoxos é saber lidar com a indefinição, a incerteza, a instabilidade – com a complexidade, enfim. [...] de nada adianta fingir que a incerteza e a imprevisibilidade não existem. [...] É necessário integrá-los, aprender a pensar também de modo inclusivo e não apenas de maneira fragmentadora, segundo o padrão da nossa cultura”(Mariotti, 2007).

Assim age o pensamento complexo, buscando tecer relações entre vários sistemas para formar um todo, considerando o conjunto dos elementos e das ligações construídas para congeminá-los, pois o cerne do pensamento complexo é justamente a busca de uma constituinte plural entre os fatos para expor novas perspectivas dissidentes dessas situações comunicativas.

Como acredita Morin, concordando com Pascal (*apud* Morin, 2000), para conhecer as partes tem-se que conhecer o todo em que estão inseridas, sendo o inverso verdadeiro, pois só se conhece o todo, conhecendo as partes que o constituem. *“Deveríamos, portanto, ser animados por um princípio de pensamento que nos permitisse ligar as coisas que nos parecem separadas umas em relação às outras. Ora, o nosso sistema educativo privilegia a separação em vez de praticar a ligação”*. (Morin, 2000).

O conhecimento do pensamento complexo não se dá de forma linear, mas começa a brotar a partir do momento que aparecem as dúvidas, os questionamentos, a incerteza e a vontade em achar a “verdade” de acordo com cada ser, levando-se em conta para isso características individuais e intrínsecas de cada interlocutor, como a posição social, a experiência de vida, a formação da identidade, conceitos, cultura, crenças e valores, além de fatores extrínsecos, como o contexto em que foi construído o enunciado e onde se dá a enunciação.

Para que haja dúvidas e questionamentos, é preciso haver diálogo, troca e entendimento mútuo. É preciso que haja permuta de conhecimento, opiniões distintas, que contrariem os interlocutores e os interpelem na busca por respostas.

“É preciso substituir um pensamento que separa por um pensamento que une, e essa ligação exige a substituição da causalidade unilinear e unidimensional por uma causalidade em círculo e multirreferencial, assim como a troca da rigidez da lógica clássica por uma dialógica capaz de conceber noções ao mesmo tempo complementares e antagônicas” (Morin, 2000).

Por sua vez, essa busca pelas respostas de cada “eu” não terá lugar num campo de fórmulas prontas. Uma vez que se faz necessário distinguir valores unos para cada ser, as respostas jamais serão unificadas. Para cruzar esses valores individuais de cada identidade, cultura, crença, dúvidas e questionamentos na busca de respostas, os seres sociais terão que ser reflexivos. Para que haja essa reflexividade ativa é preciso haver **diálogo** entre dois ou mais indivíduos distintos - o *eu* e o *outro*—sob os auspícios do **pensamento complexo**.

4. Rádios comunitárias, os meios e seus fins

Rádios comunitárias³ são meios de comunicação feitos pela e para a comunidade, com o objetivo de difundir ideias, tradições, hábitos sociais, estimular o convívio social e permitir o exercício da liberdade de expressão. Apesar de constarem entre as principais ferramentas de interação social popular, nem todas as emissoras comunitárias participam na transformação social da comunidade.

Alguns motivos contribuem para essa afirmação: 1) a rádio é apadrinhada, mantida ou de propriedade de políticos; 2) a emissora tem fins lucrativos e/ou específicos; 3) falta preparo aos comunicadores para atuar em um meio comunitário, o que os tornam meros copiadores de emissoras comerciais.

Sobre a controvérsia no que se refere ao entendimento do que seja uma rádio comunitária, Peruzzo afirma que

“Na prática existem emissoras de diferentes matizes, portanto, movidas por interesses diversos, o que acaba por revelar um quadro um tanto confuso. Existem as emissoras de caráter público, ligadas a entidades sem fins lucrativos de interesse comunitário local. Há emissoras ligadas a igrejas – católicas, evangélicas etc.-; há outras de cunho político-eleitoral; muitas são movidas por interesses comerciais (são de fato pequenas empresas de radiodifusão sob a aura de comunitárias). Assim sendo, há emissoras comunitárias e emissoras pseudo-comunitárias - mesmo que autorizadas a funcionar sob o código legal das comunitárias. Mas na hora das críticas são igualadas sob um mesmo rótulo (:) “rádios comunitárias”. As causas que levam a concessão de autorizações a emissoras não propriamente representativas das “comunidades” têm origem no jogo de interesses políticos, na forma do lobby das igrejas e de parlamentares, entre outros” [...]

“[...]a rádio comunitária que faz jus a este nome é facilmente reconhecida pelo trabalho que desenvolve. Ou seja, transmite uma programação de interesse social vinculada à realidade local; não tem fins lucrativos; contribui para ampliar a cidadania melhorando o nível de informação, educação informal e cultura dos receptores sobre temas diretamente relacionados à sua vida; permite a participação ativa das pessoas residentes na localidade e de representantes de movimentos sociais e de outras formas de organização coletiva na programação, nos processos de criação, no planeamento e gestão da emissora” (Peruzzo, 2005).

Como promotores de uma educação popular consciencializadora, os meios comunitários têm liberdade para construir suas programações baseadas na interatividade e alteridade. Entretanto, algo acontece no decorrer desse processo que tornam os meios total ou parcialmente ineficazes na busca dessas metas. Trabalhamos com a hipótese que uma das causas desse “insucesso” pode ser uma falha na dialogia entre o meio e o público. Nossa pergunta de partida, cuja resposta esperamos que traga, um ponto situacional desses meios no contexto geral, é: as rádios comunitárias funcionam enquanto meios interativos de comunicação, capazes de incitar o pensamento complexo, e visando a integração com o público, assumindo, nesse sentido, uma postura dialógica?

5. A rádio Alto Falante

No final da década de 80, os moradores do Alto José do Pinho tiveram os primeiros contatos com o que viria a ser, em poucos anos, o motor de aceleração da vida cultural e social do morro, o Movimento Cultural Alto Falante. Alguns jovens, influenciados pelo *rock and roll*, pelo *punk rock* e pelo *hip hop*, conhecidos pela sua dinâmica de ruptura, passaram a mostrar interesse por aquele tipo de arte, logo rejeitado com muito preconceito pelos demais moradores do bairro - acostumados com a tradição da cultura local. No início dos anos 90 a comunidade começava a figurar nas páginas culturais dos jornais locais e em programas de rádio e televisão da cidade com as primeiras entrevistas dos integrantes das bandas de *punk rock*.

Além da produção artística havia os trabalhos sociais desenvolvidos por alguns músicos participantes do movimento. Esse laço deu-se de forma espontânea, e o ápice foi alcançado no fim do ano de 2002 com a inauguração da ONG Alto Falante, que dirige o projeto de cultura do bairro e a rádio comunitária de mesmo nome. Criada em 2002, a Rádio Alto Falante se estabeleceu como o principal instrumento de ligação entre o movimento cultural e os moradores do bairro.

A emissora sempre foi referência constante, classificada, no início do milênio, como uma das mais atuantes do Recife, mantendo uma programação empenhada no perfil comunitário. Em pesquisas anteriores observamos a influência dessa rádio na comunidade. Mesmo já tendo sido referência, observamos que, atualmente, a Alto Falante já não conta com a mesma participação dos ouvintes. Analisamos a dinâmica da rádio através dos programas, na tentativa de descobrir se a emissora é um meio dialógico que trabalha sua programação numa perspectiva interativa e com vias para o desenvolvimento do pensamento complexo.

6. O programa: *Rock da Larica*

O programa *Rock da Larica* foi escolhido para análise, por tratar de uma das emissões mais espontâneas da programação e pela variedade de assuntos abordados, apesar do pouco tempo dedicado à locução - menos de 15 minutos, de um total de duas horas de emissão; Por fim, por nos ter chamado a atenção o perfil do apresentador.

Alcemir⁴ tinha 26 anos quando gravamos o programa. Na altura ele trabalhava como lavador de pratos. Tendo concluído o ensino médio, segundo informou, é morador de uma comunidade vizinha ao Alto José do Pinho. Saiu de casa aos 11 anos, por causa de problemas pessoais com o padrasto”. Viveu nas ruas e em casa de uma amiga, que anos mais tarde, morreu de SIDA. “Vivi na rua, mexi no lixo para comer. Eu comia do lixo. Vi muita coisa que não queria e fiz muita coisa que não devia”, chegou a relatar numa conversa informal.

Tendo já trabalhado como gazeteiro e como barzeiro, Alcemir, como outros jovens das comunidades periféricas do Recife, também é músico e faz parte de uma banda alternativa, a Break the sales. Curiosamente, apesar da história de vida, era o único, entre os locutores da rádio que participaram da pesquisa, que tinha emprego fixo, regulamentado e com contrato.

Com duas horas de duração, o *Rock da Larica* é apresentado duas vezes por semana. Definido pelo locutor como “músico - cultural - underground”, o programa aborda para além do conteúdo musical e informações sobre os artistas, eventos relacionados ao cotidiano dos moradores, prestação de serviço, e curiosidades relativas à cultura da cidade. Essa miscelânea de temas deixa dúvidas quanto ao público-alvo da emissão. Por um lado, fica claro que é voltada para jovens e adolescentes ligados ao *Rock* e a estilos musicais mais alternativos; por outro, tenta atingir outros públicos distintos: religiosos, jovens com preferência para a *Pop Music*, e uma parcela mais madura da população.

Contudo, o programa apresenta outras características que aproximam o público de qualquer estilo: a linguagem - identificada facilmente pela comunidade, visto ser constituída por um vocabulário simples e ativo no dia a dia da população; a relação de proximidade, que o apresentador tenta desenvolver junto aos ouvintes; e a divulgação de informações diretamente vincadas à comunidade evitando, de forma geral, notícias que não fazem parte do cotidiano local. Finalizando a apresentação do programa *Rock da Larica*, destacamos a falta de participação do público, mesmo tendo o locutor tentado manter um “diálogo” direto com os ouvintes.

7. Análise

Dividimos o *corpus* em dois grupos analíticos: a análise semântica e discursiva e a análise da alteridade e interatividade.

A) Análise semântica e discursiva

Dividida em texto e contexto, envolve componentes linguísticos, práticas discursivas e socioculturais agregadas ao uso do texto. Nesse artigo, está voltada para a compreensão do pensamento complexo, sem contudo, deixar de lado o dialogismo.

A1) Texto

Essa dimensão trata da parte linguística. Pretendemos determinar, através da linguagem utilizada no discurso, as relações sociais entre os interlocutores. O nosso objetivo é identificar a coesão do texto do locutor, se suas ideias estão de acordo com os enunciados do programa e se todos os participantes saem favorecidos no discurso. É uma dimensão formada por três elementos:

1) Conteúdo temático

O programa não tem um conteúdo específico, abordando os mais diversos assuntos: bandas, músicas, cultura e utilidade pública. Isso faz com que atraia maior número de ouvintes. Por outro lado, não traz nenhum assunto de interesse geral, nem polêmico ou reflexivo. O discurso não sugere, por parte do locutor, interesses pessoais explícitos, contudo, eles estão presentes nas entrelinhas. As conversas que o locutor desenvolve com os alocutários exprimem um tom dialógico, embora nem sempre haja essa abertura, como conferimos nas entrelinhas do discurso. No geral podemos afirmar que o programa tem um caráter popular que contribui, junto ao público, para um sentido de proximidade, atribuindo, assim, um valor interativo quando, de fato, não há sequer interação. É a forma com que o locutor conduz o programa que imprime a sensação de alteridade dialógica, ainda que inexata.

2) Estilo de linguagem e Constituição composicional ⁵

Os enunciados do programa fortalecem a relação entre interlocutores por meio de algumas características estilísticas. Analisamos os seguintes aspectos:

- a) **Tempos verbais:** utilizados em maioria no presente e no futuro imediato, dá dinamismo ao mesmo tempo em que atrai a atenção dos ouvintes e cria laços de proximidade.
- b) **Identificação:** o locutor se identifica com os ouvintes a partir de características sociais, pertença territorial, comparações físicas e aspectos sócio-econômicos-culturais. As **variedades estilísticas** sobressaem-se de modo a formar identidade na linguagem falada popular e mesmo vulgar. Palavras dialetais, gírias e coloquialismos ditos fortuitamente, definem um gênero fundamentado na liberdade do improviso. Expressões idiomáticas revelam uma partilha de códigos identitários que criam um estilo único adaptado ao grupo social. Outra forma de identificação observada foi a maneira de se **direcionar ao interlocutor**, com uma linguagem direta, familiar. Os enunciados dão um tom de diálogo ao discurso, como se existisse uma conversa, ainda que não haja um interlocutor real.
- c) O **tipo de linguagem** predominante é a objetiva, informativa, embora a subjetiva também faça parte, de maneira complementar, na forma de comentários.
- d) **Estruturas frasais:** não há uma preocupação com a elaboração do enunciado, o que implica frases incompletas, sem concordâncias gramaticais e com tropeços na enunciação. Essas características, entretanto, não exprimem necessariamente falha na comunicação. Talvez sejam elas também responsáveis por uma maior identificação entre interlocutores, uma vez que fazem parte do mesmo grupo social e possuem a mesma realidade cultural e vocabular.

3) Propósitos comunicativos

Dividimos os enunciados em duas categorias: socialmente reconhecida (dita de forma direta) e intencional (percebida nas entrelinhas). Os propósitos socialmente reconhecidos focam-se mais fortemente no repasse de informações úteis aos ouvintes. Apenas em duas situações observamos interesses pessoais de autopromoção. Quando passamos aos propósitos intencionais, a situação modifica-se. Temas e situações que privilegiam a informação permanecem com maior incidência. Em segundo lugar nessa variável vem a autopromoção do locutor (15 situações enunciativas). Incluímos, nessa leitura, o investimento num relacionamento mais próximo com o público, que traria popularidade e até ajudaria a obter um *status* de formador de opinião. Observamos também, nas entrelinhas do discurso a tentativa de mostrar privilégio pessoal no convívio com artistas locais, destacando-se assim dos seus interlocutores que não teriam esse mesmo acesso. Em seguida, vêm as situações que privilegiam a comunidade e, por último, as situações de privilégio para a própria rádio, com ênfase nas suas ações, objetivando aumentar a eficiência do canal.

A2) Contexto

Buscamos os itens constitutivos do contexto para fazer uma leitura do ambiente de produção. A falta de **participantes** no discurso foi um dos elementos que nos chamou a atenção durante a análise. O ambiente discursivo coloca os ouvintes da rádio como interlocutores virtuais. Uma vez que não podemos medir a quantidade de ouvintes, tampouco suas identidades, generalizamos como "moradores da comunidade", considerando que estamos trabalhando com uma rádio poste apenas ouvida nos limites territoriais do bairro. Como não houve interação do público, o tomamos como "virtual", não podendo afirmar sua concretude.

Considerando os dados do Atlas de Desenvolvimento Humano do Recife de 2005, traçamos um perfil da população: maioria formada por jovens e adultos entre 15 e 39 anos, analfabetos ou com baixo índice de escolaridade, desempregados e trabalhadores informais com baixa renda. A descrição faz-se necessária para tentarmos explicar o conteúdo do programa, o objetivo, a significação das mensagens e a composição dos enunciados. Vimos que há uma identificação no discurso entre o locutor e o público. Essa identificação fica evidente no texto, tanto de forma explícita, com expressões, partilha de códigos e comparações entre os interlocutores, como de maneira subjacente, através da assimilação de informações sobre o nível de estudo, pertença ao grupo sócioeconômico e o próprio estilo de linguagem. Essa identificação faz com que haja uma relação completamente informal, familiar entre os interlocutores.

Há uma clara situação de hierarquia, locutor *x* ouvinte, apesar do princípio dialógico-horizantal que deveria estar presente numa rádio comunitária. Observamos que o locutor, apesar de mostrar interesse numa possível interação, não abre, nas entrelinhas do discurso, espaço para que tal evento aconteça. Isso o torna potencialmente "dono da palavra" e do poder comunicativo, restando aos alocutários o papel do ouvinte num discurso monológico. As limitações tecnológicas e sociais de interação (falta de telefone, de conexão à internet, horários irregulares) também acabam por não estimular a participação dos ouvintes.

A **entonação** também foi levada em conta no contexto da análise. O locutor abriu o programa com um tom acima do que se pode considerar um diálogo normal, como se supõe numa rádio, onde se trabalha com a perspectiva de um interlocutor presente. A fala é acelerada, prejudicando a articulação de algumas palavras. Observamos que quando há mais entusiasmo e segurança no conteúdo do enunciado, há uma demonstração dessa exaltação na elevação do tom de voz. O tom mais baixo demonstra falta de segurança em relação ao conteúdo, o que fica confirmado pela construção frásica desordenada nessas situações, apesar de ter significação e sentido.

B) Análise da alteridade e interactividade

Analisamos apenas o tempo efetivo da emissão dedicado à locução: 15 minutos, de duas horas de programa. Esse foi o tempo destinado à interação, onde pode haver, de fato, dialogismo entre os interlocutores, uma vez que há abertura para a participação do ouvinte. O restante da emissão é voltada para apresentação musical. A partir daí focamos o sistema de interação. Identificamos uma tendência para a individualidade da

fala, seja, o locutor, apesar de ter um discurso teórico voltado para o dialogismo, mostra, na prática, um discurso monológico. Em 33 ocorrências o locutor utiliza a primeira pessoa, o “*eu*”, para enfatizar os verbos de comunicação ativa (eu falo, eu digo, eu conto), revelando a individualidade monológica do discurso; o “*tu*”, designante de alteridade, é utilizado em 62 ocorrências, contudo, acompanhado de verbos de comunicação passiva (tu ouves, tu escutas).

Observamos ainda uma tentativa não efetivada de dialogismo relacionada com o pensamento linear. Em 14 situações o locutor convidou o ouvinte para participar do programa, mas apenas com estímulos para pedidos musicais. Apenas uma vez o convite foi feito para o alocutário dar sua opinião sobre determinado assunto, mas quando o tema foi abordado o convite não foi efetivado. Esse comportamento talvez explique por que não houve participações dos ouvintes durante todo o programa, pois quase nunca as pessoas são convidadas a falar, apenas a ouvir.

8. Conclusão

As rádios comunitárias são agências muito instáveis no que condiz à organização e conteúdo de emissão. No caso da Rádio Alto Falante, e segundo análises de antigos programas da emissora, já houve tentativas de fazer com que a comunidade utilizasse o meio como ferramenta dialógica. Esse entendimento, pelo que verificamos, já não existe, enfatizando a instabilidade comportamental dessas agências.

No que concerne ao programa *Rock da Larica*, apesar da tentativa de aproximação com o público, a análise mostrou que não há espaço real para interação. A própria estrutura e divisão de tempo da emissão confirma essa tendência monológica. Pelo que percebemos durante o trabalho de campo, houve intenções para que a interação se tornasse real. Contudo, nas entrelinhas do discurso, ele não conseguiu abrir, efetivamente, essa possibilidade.

O discurso, apesar de dirigido aos ouvintes, não apresenta situações que explorem a prática do dialogismo ou a atuação do pensamento complexo na sua transmissão. Há uma tentativa de explorar a participação do ouvinte, mas apenas em nível de feedback - reação a um estímulo -, sem reflexões, sem incentivo a discordâncias, sem criação de novas ideias, conceitos ou pontos de vista, apenas chamados para curtas participações, e mesmo assim, sem efetivação.

Nesse sentido, a análise mostrou a propensão monológica dos enunciados. Como não há interação, o único favorecido enquanto emissor é o próprio comunicador, que tem, de início a fim, o poder da palavra, apesar de manter sempre, em relação aos ouvintes, ainda que virtuais, uma relação de proximidade quase familiar e um discurso teoricamente aberto ao dialogismo.

Finalizando nossas considerações, concluímos que o programa *Rock da Larica*, apesar de tentar mostrar abertura à interação, não constitui um programa dialógico no que condiz à sua transmissão. Dessa forma, não explora, igualmente, a capacidade da rádio enquanto ferramenta para o desenvolvimento do pensamento complexo, limitando-se a tentar ser um meio de *feedback*. Observamos que a única opinião sobre todos os assuntos e músicas mostrados na emissão é unicamente do locutor, o que caracteriza um discurso monológico e autoritário. A comunidade, apesar de ser o público alvo, chamada à participações curtas, não se integra de fato na programação, permanecendo público em nível teórico-virtual.

Sem abrir efetivamente para o diálogo, o locutor conduz o programa como uma conversa entre amigos, onde está ali para se divertir e descontrair, com uma ou outra informação. Nesse sentido, podemos afirmar que a rádio, no espaço do programa *Rock da Larica*, configura-se dentro de um padrão lúdico-informativo de comunicação, com finalidade voltada para o lazer, mas não num parâmetro dialógico voltado para o desenvolvimento do pensamento complexo, a partir dos princípios que regem os meios comunitários.

9. Bibliografia

Bakhtin, M. (1997). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

Bakhtin, M./Volochinov, V. N. (1981). *Marxismo e filosofia da linguagem*/ Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec.

Freire, Paulo (1970). *Educação como prática da liberdade*. 5ª edição. Lisboa: Dinalivro.

Mariotti, Humberto (1995). Gregory Bateson: um cérebro privilegiado *in* Revista *Thot*. São Paulo: Palas Athenas.

_____ (2000). *As Paixões do Ego: Complexidade, Política e Solidariedade*. São Paulo: Palas Athena.

_____ (2002). *Os Cinco Saberes do Pensamento Complexo - (Pontos de Encontro entre as obras de Edgar Morin, Fernando Pessoa e Outros Escritores)*. Viseu: 3as. Conferências Internacionais de Epistemologia e Filosofia - Instituto Piaget.

Morin, Edgar (2000). Da necessidade de um pensamento complexo *in* MARTINS, F. M, Silva, J. M. (Org.). *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina.

_____ (2005). *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre (RS): Editora Meridional/Sulina.

Peruzzo, Cicilia M. Krohling (2005). *Rádios comunitárias: entre controvérsias, legalidade e repressão*. Programa de Pós-Graduação em Comunicação na UMESP-SP. São Bernardo do Campo: Seminário Mapa da Mídia Cidadã - Universidade Metodista de São Paulo.

Tauk Santos, Maria Salett (2002). *Comunicação participativa e ação libertadora: marxismo e cristianismo combinados na teoria da comunicação dos anos 1970 e 1980*. *in* MELO, José [etal]. *Marxismo e Cristianismo: Matrizes comunicacionais latinoamericanas*. São Paulo: Metodista.

10. Sites

MARIOTTI, Humberto (1995). Gregory Bateson: um cérebro privilegiado. Acessado em 12.03.2012 <<http://www.geocities.com/pluriversu/gregory.html>>.

_____ (2005). *A razão do coração e o coração da razão - Blaise Pascal e o Pensamento Complexo*. Acessado em 20 de março de 2012 <<http://www.humbertomariotti.com.br/pascal.html>>

RECHDAN, Maria Leticia de Almeida (2003). Dialogismo ou polifonia? **Revista Ciências Humanas, vol 9, Nº 1, Iº Semestre**. São Paulo: Departamento de Ciências Sociais e Letras, Universidade de Taubaté. Acessado em 10.09.2012. <<http://site.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/dialogismo-N1-2003.pdf>>

Notas

¹http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9612.htm

²LINEAR (REDUCIONISTA), SISTÊMICO (INTERDISCIPLINAR) E COMPLEXO (TRANSDISCIPLINAR)

³“[...]rádios comunitárias são emissoras (FM) de baixa potência e regidas pela lei 9.612/98, que confere às “comunidades”, ou melhor, a organizações sociais de localidades específicas, desde que aglutinadas em forma de uma única Associação, com no mínimo cinco entidades locais – com reconhecida existência jurídica de no mínimo cinco anos -, o direito de operar emissoras com finalidades públicas num raio de aproximadamente um quilômetro” (Peruzzo, 2005).

⁴ Por motivos de privacidade, decidimos não divulgar o nome completo dos atores sociais.

⁵ Por terem uma relação intrínseca, que não faz sentido quando separada, decidimos analisar o estilo de linguagem e a construção composicional em conjunto. Devido a profundidade com a qual tratamos o tema, essas subcategorias foram também divididas. Definimos sete parâmetros para classificar e descrever os elementos constitutivos do estilo de linguagem e da construção composicional: aproximação (tempo verbal), identificação, direcionamento para o público, variação social (idioletos e sociolectos, gírias, coloquialismos, expressões idiomáticas/partilha de códigos), tipo de linguagem, variação estilística e estruturas frasais.